

O Caminho
das Cores

LIGIA SOMMERS

O Caminho das Cores

Miró
EDITORIAL
São Paulo
2015

Copyright © 2015 Ligia Sommers

Copyright © Miró Editorial

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa,
em vigor desde janeiro de 2009.

Produção Editorial	Miró Editorial
Editor	Márcia Lígia Guidin
Capa, projeto gráfico e diagramação	WK Editorial
Fotos de capa e orelha	Adriano Nogueira
Preparação de textos e revisões	Claudia Vilas Gomes Cecília Madarás
Impressão e Acabamento	Bartira Editora Gráfica

Para adquirir esta obra, entre em contato com:
editorial@miroeditorial.com.br
ou pelo site
www.miroeditorial.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S679

Sommers, Ligia

O caminho das cores / Lígia Sommers. 1.ed. –
São Paulo: Miró Editorial, 2015. 144 p.

ISBN: 978-85-62381-39-3

1. Adoção familiar. 2. Juizado da infância e
adolescência. I. Título.

CDD 340

ISBN: 978-85-62381-39-3

Todos os direitos reservados
Miró Editorial Ltda.


MIRÓ
EDITORIAL

Rua Augusta, 2676, cj. 143.
CEP 01413-100 – São Paulo – SP
Tels. (55) (11) 3063-3390 / (55) (11) 3532-3342
Visite nosso site: www.miroeditorial.com.br

*Como quatro vidas foram do abandono
ao encontro, pelas mãos do acaso. Ou talvez
algo maior...*

Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.

José Saramago

Ao inexplicável, que algumas vezes nos mostra que tudo pode ser bom se termina bem.

E a todos os seres vivos ou energias puras que contribuíram para que isso acontecesse nesta história.

AGRADECIMENTOS

A todos aqueles abençoados, pais e filhos, que puderam viver a magia do encontro. Inspiração.

Ao meu companheiro na jornada da vida, meu Príncipe, que teve forças para sobreviver ao susto da ideia de adotar quatro crianças. Ideia vista como loucura, até pelos mais benevolentes. Porto seguro emocional e financeiro, exemplo de pessoa que sempre foi, tem hoje o título de pai modelo, ápice de uma vida de êxitos. Trilhou o caminho iluminado do apoio que se transforma em amor.

Aos meus pais, que me educaram para o amor e a coragem.

À minha sogra que, longe da imagem das anedotas populares, foi pura compreensão.

A meus irmãos e suas esposas, nos olhos de quem pude ver o brilho da admiração.

Aos meus companheiros nas tarefas domésticas, que viram seu trabalho multiplicado por mil, sempre com um sorriso e amor pelas crianças.

Aos meus companheiros de trabalho, que me acompanharam por tantos anos. Deles obtive toques, dicas, lágrimas e sorrisos. E ouvidos pacientes.

A uma fada especial, Beatriz, e suas colegas, também fadinhas da Vara da Infância e Juventude, que tornaram possível o presente do encontro.

Aos juízes, direta e indiretamente ligados ao processo, alguns amigos do passado, outros do momento presente e futuro. Escudos, suporte e salva-vidas.

E, finalmente, a todos os amigos que me apoiaram com carinho e respeito.

Também agradeço aos menos amigos, que, com suas críticas e previsões catastróficas sobre parricídios, matricídios e outros horrores, me fizeram muito mais determinada em minha decisão.

SUMÁRIO

RAZÃO DE SER DESTE LIVRO	17
PREFÁCIO: Caminho Compartilhado	18
Maristela Vendramel Ferreira	
POR QUE TANTAS CORES?	21
EU SEMPRE SOUBE	22
UM CAMINHO SE FAZ CAMINHANDO	25
1 O início da jornada	27
2 O espiritual	30
3 O médico	32
4 A primeira faculdade	36
5 O príncipe	38
6 Rápida passagem pela segunda faculdade	40
7 Terceira faculdade: o ventre	42
A BUSCA E O ENCONTRO	51
8 A busca pelo país	52
9 Existem fadas?	55
10 O processo	61
11 Mais que um sinal, um milagre	64
12 Uma adaptação nem tão lenta assim	67
13 Garantias <i>versus</i> realidade	69
14 A primeira e única visita	71
15 A bomba da paz	75

16	O triste “clube da Luluzinha”	78
17	Uma cor estava morrendo	82
18	Juiz também salva-vidas	85
19	Uma chance em mil	87
20	Quem disse que céu não vira inferno?	89
21	Como se faz um “começar de novo”	92
22	O sinal explicado	95
23	Ano Novo, vida nova	97
24	Outra mudança	99
25	Primeiro ano de escola, a má notícia	101
26	A doença	104
27	As outras três cores	113
28	A carência nossa de cada dia	115
29	O mar de rosas	120
30	Um pensamento e mais: rimas pobres com muita emoção	122
31	Rimas pobres	124
DEPOIMENTOS DAS MINHAS CORES		127
	De Azul	128
	De Lilás	131
	De Verde	133
	E hoje, como anda meu arco-íris?	135
POSFÁCIO: Breves comentários sobre a atuação		
	da Justiça na história de quatro irmãos	
	Desembargadora Maria Olívia Alves de A. Silva	139

RAZÃO DE SER DESTE LIVRO

Este livro é sobre coisas que começam muito mal e terminam bem diferente. Muitas vezes, em nosso dia a dia, enfrentamos problemas que nos parecem imensos. A dor de cada um de nós não é comparável à dor do outro, nem sei se um olhar emotivo para um problema alheio nos daria ânimo. O destino, no mais das vezes, é o dono do pedaço: manda, desmanda, faz e desfaz. E ele faz.

Esta história começa com quatro crianças maltratadas e torturadas de todas as formas que nós não gostaríamos de imaginar. Mas a realidade se impõe. Fechar os olhos não faz o mal desaparecer; ao contrário, somos transportados a uma condição de deplorável convivência passiva, tão bem descrita nas palavras de Martin Luther King: “O que me preocupa não é o grito dos maus. É o silêncio dos bons”.

Existe a Justiça do Estado, e ela faz a sua parte: não tão bem, não tão rápido, não tão justa quanto gostaríamos, mas faz.

As quatro crianças foram retiradas do lugar onde eram sequestradas e foram colocadas num orfanato, onde ficariam até os 18 anos... e de lá para a vida ou para o abismo. Qualquer um de nós pode imaginar que essa não é a solução ideal, muito menos prever para ela um final feliz.

Porém, quase sempre é assim; e dessa forma, foi com tal caminho traçado pela lei e predeterminado pelo destino que começou esta história.

TRAVESSIA: CAMINHO COMPARTILHADO

Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo – só estava era entretido na ideia dos lugares de saída e de chegada. Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto mais embaixo, bem diverso do que em primeiro se pensou. O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.

João Guimarães Rosa: *Grande Sertão: Veredas*

No processo de Ligia tornar-se mãe e constituir família, o real se dispôs primorosamente. Nesta travessia, nem sempre as correntezas foram de fácil transposição ou de acordo com as expectativas. Nadando na vida com braçadas determinadas e fortes, chegou junto com o companheiro numa outra banda, bem mais embaixo, longe da pequena família idealizada no início.

Lá, nesta outra margem do rio, nas palavras de Ligia, ela encontrou um arco-íris de cores lindas, singulares e vibrantes. A formação surpreendente, por todas as particularidades relatadas no livro, deste novo grupo familiar trouxe a todos muitos desafios e inesperados percursos a serem transpostos: encarar o inusitado; reorganizar a vida; lidar com as feridas e os sofrimentos passados, porém sempre presentes; limitações; possibilidades; a alegria de poderem estar juntos; surpresas boas e más; o cotidiano; tornar-se mãe, pai, filho e filha.

As crianças, embora pequenas e não sabendo nadar apropriadamente, já eram campeãs de sobrevivência em ambientes violentos e hostis. Foram lançadas em cachoeiras pedregosas e sobreviveram boiando ou nadando de cachorrinho. Depois de serem resgatadas e adotadas, tiveram de aprender a surfar na vida, embora machucadas e com medo de água.

Ligia e seu marido, com dedicação, cuidado e amor, permitiram que os filhos pudessem também desenvolver-se e, hoje, realizarem suas próprias travessias, mais apropriados de si e enfrentando as águas que não são mais necessariamente sinônimo de tormenta, mas de vida, alegria e prazer.

Este grande encontro e caminho compartilhado dos membros desta família permitiu que todos chegassem num outro lugar, numa outra margem, que se realizassem e se exercessem em duros desafios, provando assim sua própria força de vida.

MARISTELA VENDRAMEL FERREIRA

Psicoterapeuta – Especialista em Psicoterapia Psicanalítica – IPUSP
Pós-Doutorado em Psicologia Clínica – Instituto de Psicologia da USP
Doutora em Audiologia – University of Southampton – Inglaterra
Mestre em Distúrbios da Comunicação – PUCSP
Fonoaudióloga – PUCSP

POR QUE TANTAS CORES?

Durante a leitura deste livro, juntos olharemos para situações contempladas no **Código Penal Brasileiro** como crime de maus-tratos contra menores. Todas elas correm sem os nomes das crianças adotadas.

Por essa razão, os nomes dos nossos filhos foram substituídos por cores escolhidas segundo a preferência de cada um: as lindas gêmeas idênticas serão **Azul** e **Lilás**, o profundo menino do meio será **Verde**, e nosso caçula pimenta não poderia ser nada menos que **Vermelho**.

Este arco-íris contará ainda com as cores vibrantes de um pai e uma mãe de primeiríssima viagem, às vezes assustados, às vezes apavorados, mas sempre determinados. Conterá ainda com uma força da natureza que pode ser chamada pelo nome que fizer mais sentido para você: Deus, Anjos da Guarda, Destino ou simples Coincidência.

EU SEMPRE SOUBE

Eu sempre soube que teria filhos. Muitos filhos. Era uma intuição que tinha desde menina. Nascida em uma família de classe média, com pai pequeno empresário e mãe funcionária pública, éramos três filhos. Eu queria repetir esse modelo. No mínimo.

A forma que Deus encontrou para que esse desejo se tornasse realidade é que foi inesperada. A ideia deste livro é contar como isso aconteceu. Quando tudo parece perdido, feio, sujo, violento e desastroso, o jogo na vida pode virar.

Quando saí para procurar meus filhos, eu os encontrei num orfanato. Eles eram quatro, e eu os trouxe para casa. Eu cursava uma terceira faculdade, Terapia Ocupacional, em cujo currículo, cuidados terapêuticos para crianças ocupa um importante lugar na grade acadêmica. Passava oito horas do meu dia vendo, estudando e cuidando desses pequenos e seus problemas. À noite, ia trabalhar numa loja que tive por vinte anos, com oito funcionárias mulheres e apenas um “santo” varão. Imagine qual era o assunto favorito? Crianças, filhos, dissabores, mas também inúmeras alegrias e mais sabores.

Porém, esse não é o caminho natural. Ninguém decide ter filhos e vai direto buscá-los num orfanato. Eu também não.

Meu marido e eu tentávamos uma gravidez que não acontecia. Todos os meses eram de esperança, depois angústia e finalmente frustração. Tentamos alguns tratamentos para aumentar a fertilidade de ambos, mas nada muito radical, pois não estávamos dispostos a fazer o investimento emocional (além do financeiro) que essa decisão traz consigo. Talvez fosse

falta de maturidade para irmos buscar as alternativas com que a medicina moderna nos brinda nos dias de hoje. Talvez fosse falta de determinação e compromisso, pois eu era ainda muito jovem, mas meu *Príncipe* nem tanto. Talvez tenha sido só a forma como o destino encaminhou essa história. Você poderá decidir, assim que eu tiver contado tudo, com mais detalhes, até o final destas páginas.

Muitos, quase todos, me tomaram por louca. Depois, isso mudou e passei a ser vista como corajosa.

Não sou louca, não completamente louca, pelo menos. Também não sou das mais corajosas, não. Tenho medos comuns, como todos nós temos. Tenho muito medo de altura, vertigem em espaços livres, adoro animais, mas não incluo baratas entre os meus afetos e só as enfrento se os corajosos de plantão estiverem ausentes ou forem bem menos corajosos do que eu. Gosto muito de estar sozinha, mas não solitária. Viu? Medos comuns, além de ser pouco afeita a aventuras. Ao contrário dos meus irmãos que saltam de paraquedas, competem em *motocross*, enfrentam ares e mares com desenvoltura e sorrisos, prefiro esperar pelas histórias deles em terra firme e me arriscar somente a um corte sério na mão enquanto lavo a louça, depois de fazer uma comida para aquecer ânimos e estômagos durante os incríveis relatos que eles sempre trazem. Como prova dessa minha tão falada coragem, exibo uma grande cicatriz e quinze pontos na mão direita. Mas, como acabo de confessar, ela foi ganha lavando louça, nada mais.

Quanto a essa verdadeira coragem que me é atribuída, pode até ser, não estou certa de que seja merecedora. Eu simplesmente aceitei o que, tão claramente, estava sendo mostrado como caminho e que vou contar a você logo mais. Quem sabe, tenha sido falta de coragem para dizer não a sinais que começavam a aparecer e me rodear. Falta de firmeza em dizer

não a um destino que naquele momento era absolutamente incerto. Quem sabe, alegria por poder aceitá-lo. Hoje, essa reflexão parece descabida porque o caminho foi percorrido e com final feliz, mas você ainda não me acompanhou nesse trajeto.

Então, explico a confusão daquele momento para que as coisas não pareçam tão simples e mágicas, quando na verdade eram cifradas e complexas. Desejos frustrados de uma gravidez que não vinha, buscas médicas com restrições éticas: num mundo de tantas necessidades, é justo darmos prioridade a esse desejo ancestral de perpetuar o nosso DNA?

Inspirada pela profundidade crítica do poeta Fernando Pessoa (como Álvaro de Campos), que em seu poema “Em Linha Reta” nos fala dessa vaidade comum e corrente em que acreditamos ser todos príncipes, nunca ninguém é vil, nunca ninguém é capaz de um ato menor, eu pensava em quanto estaria disposta a investir para deixar esta marca.

Somos assim tão maravilhosos que o mundo perderia sem esse nosso legado? Eu tinha sérias dúvidas. Agora tenho certas bem menos sérias.

Temos quatro filhos que começaram a vida sob os maiores e piores horrores a que um ser humano pode ser submetido. Hoje os três maiores são alunos exemplares em boas universidades cursando Medicina Veterinária, Publicidade e Psicologia.

Mas, muito além de alunos exemplares que eles conseguem ser a custo de muito estudo, dedicação e superação do passado, são seres humanos exemplares! Num mundo cheio de desumanidades, a cada notícia que lemos a que assistimos, e em cada esquina da vida, ser uma pessoa verdadeiramente boa, sim, é motivo de orgulho. Muito orgulho.

UM CAMINHO
SE FAZ CAMINHANDO

O INÍCIO DA JORNADA

Eu queria ter filhos. Tinha certeza disso, e o tempo estava passando. Apesar da certeza, ela não se concretizava. Eu buscava tratamentos de fertilidade, mas não de fertilização. Na Introdução deste livro, falei um pouco mais sobre este tema. O desgaste emocional, grande e real, não me assustava tanto quanto minhas dúvidas sobre a legitimidade desse esforço. Não critico quem o faz, mas essa necessidade de perpetuar as minhas características genéticas, como se elas fossem essenciais ao mundo, não era algo que ecoava em mim. Eu queria muito mais a perpetuação dos valores que tinha recebido dos meus pais, e para isso não necessitava de um descendente sanguíneo. Hoje, esse pensamento é mais claro e mais sedimentado. Mas naquele momento... Eu via bebês por todos os lados.

Eram sinais? Estava o mundo cheio dessas criaturinhas e só eu não as tinha? Fotos, *outdoors*, propagandas, bebês reais e imaginários. Mas, eu não os tinha. Roupas, comidinhas, brinquedos, tudo para eles.

Você já reparou como algo que até há pouco tempo podia passar despercebido por nossas vidas ganha ares de obsessão quando colocamos nisso o nosso foco de atenção? Se isso acontece com relação a coisas banais que de repente parecem nos assombrar a cada esquina, o que pode acontecer quando uma mulher sente o desejo da maternidade bater delicada-

mente no ombro, como alguém doce a pedir uma informação ou gritar de forma estridente como uma tia velha e chata, que mora de favor em nossa casa e que se esqueceu de tomar seu santo calmante?

Assim eu me sentia: às vezes sentia o doce chamado. Outras, ele berrava dentro de mim.

Sou do signo de Áries, respondo bem à delicadeza, mas a imposição me irrita, incomoda e... instiga. Então, como era mesmo que eu me sentia? Confusa! Isso, sim.

Venho de uma família um pouquinho maior do que a média, já que somos três irmãos: meus dois irmãos, e suas aptidões para a aventura, e eu. Nossa infância foi vivida numa vila de 14 casas, hoje o valorizado bairro do Itaim Bibi. Na época, o local não passava de periferia com ruas de terra, córregos e crianças brincando na lama, onde viria a ser a avenida Juscelino Kubitschek. Esse lugar, tão tranquilo, então, proporcionou recordações que nos são queridas até hoje e a convivência com pessoas maravilhosas com as quais mantemos laços de amizade que já duram muitos e muitos anos.

Esse era o momento que eu vivia: o chamado à maternidade. Ele não era tão claro quanto a forma de ser alcançado, mas era fresco e cristalino, certo e determinante. Meu passado feliz era suficientemente forte para dar uma base que sustentasse a minha vontade de construir uma família nos moldes daquela em que eu havia sido criada. Mas não foi bem isso que aconteceu.

Eu não sabia, como hoje sei, que o destino de ser mãe estava traçado, mas sabia que tinha que continuar caminhando. Como o destino parecia certo, mas a forma absolutamente incerta e ainda obscura, eu tinha alternativas: poderia parar, sentar e esperar um milagre. Mas este não é o jeito como eu sou.

Muitas vezes tentei uma postura mais zen. Procurei templos e mestres. Encontrei ajuda, mas não mudei minha essência inquieta. Então... tinha a outra alternativa: precisava marcar imediatamente um encontro com o meu destino. Achei melhor dar uma ajudazinha. Eu ainda não sabia bem como, então, abri bem os olhos, rezei bastante, e as coisas começaram a acontecer.

O ESPIRITUAL

Mas como é que se encontra um destino? Nem para encontrar namorados eu era muito boa. Preferia ser a boa aluna que alguns admiravam e deixar que os meninos me admirassem dessa maneira. Nunca foi uma atitude das mais eficientes e não parecia que iria funcionar com um grande senhor como o destino, tampouco. Entretanto, minha falta de sossego me dizia para fazer algo. Rápido. Pensado ou não, tinha que ser já.

Comecei procurando ajuda espiritual. Em frente ao apartamento em que eu morava havia um lugar muito conceituado, onde as pessoas buscavam esse tipo de conforto.

Eu era jovem, boa aluna, estudante dedicada e frequentava uma das mais conceituadas universidades do país. A decisão de procurar ajuda espiritual (num centro espírita kardecista) parecia um tanto esquisita, até surpreendente. Pensei muito se deveria ir e o que teria a ganhar ou a perder. Não perderia nada, mesmo assim ainda parecia um movimento descabido. Mas, ariana impulsiva, tomei a decisão de ir. Fui.

Entre numa sala, um auditório, com muita gente. Não sabia o que fazer e tinha receio do desconhecido. Esperei e rezei. Então, percebi que havia um armário na parte da frente do salão. Do meu lugar, eu via um grande número de pastas, como essas pastas de colégio, pretas, tamanho ofício e com envelopes plásticos onde são colocadas folhas. Em cada folha havia uma

mensagem a ser consultada. Tomei coragem e me levantei. Escolhi uma ao acaso e abri. A mensagem dizia: Paciência. Só isso. Uma única palavra e justamente aquela de que eu menos gostava ou exercitava: paciência.

Ora, mas isso não era o que eu queria ouvir, muito menos o que estava procurando. Eu queria uma mensagem que falasse de bebês, filhos, mães, crianças. Eu não estava sendo tão inflexível assim, estava? Tantos assuntos me interessavam. Mas não aquele. Paciência não: queria uma família, e, se possível, bem grande.

Resolvi tentar novamente e me certifiquei de que as pastas eram diferentes. Os dizeres também. Sentei, rezei e fui. Outro lado do palco, outra pasta, outra página. Abri com o coração aos empurrões no peito, mas demorei-me para olhar a página misteriosa. Agora, sim, eu teria a minha mensagem porque a primeira não tinha valido. Eu não havia rezado direitinho. Essa sim, seria para valer. E li: **Paciência**.

Era coincidência demais para qualquer um, mas, para uma pessoa impaciente como eu, era demais.

Achei melhor dar outra ajudazinha ao destino porque ter paciência não estava nos planos, além do que aquela mensagem era muito vaga e misteriosa. Ter paciência com o quê? Com quem? Pra quê?

Dessa vez, eu procuraria ajuda no mundo dos homens e não no mundo dos espíritos. Eu procuraria um médico e buscaria respostas para o fato de não ter os filhos que tanto desejava e com os quais sonhava dormindo e acordada.

A Ciência me daria a resposta que o éter tinha me negado, ao menos de uma forma que eu entendesse ou aceitasse. Paciência nada!

Fui buscar um caminho mais alinhado ao meu perfil de mulher moderna, determinada e impaciente. Bati na porta da grande esperança moderna: a medicina.